

# PANORAMA ECONÔMICO



FLÁVIA OLIVEIRA (interina)

## Derrubar a pobreza

• A proporção de pobres no Brasil cairá dos atuais 29,3% para 24,08%, se a renda *per capita* nacional crescer 4% ao ano até 2005. Isso significa que quase nove milhões de brasileiros atravessarão a linha da pobreza nos próximos anos se o país confirmar a trajetória de expansão econômica. Mas resultado ainda melhor nos espreitaria se o crescimento viesse de mãos dadas com a redução da desigualdade.

Na simulação feita pelo economista Marcelo Neri, chefe do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas, a expansão econômica combinada com uma queda de 10% na desigualdade de renda brasileira — que está entre as três maiores do mundo — derrubaria a pobreza à metade. Vale assinalar que a queda apenas levaria a desigualdade brasileira (Índice de Gini de 0,59) para o nível de São Paulo (0,54). O Índice de Gini varia de zero a um. Quanto maior o resultado, mais desigual é a sociedade.

A proporção de indigentes (indivíduos que vivem com menos de R\$ 76 por mês, quantia insuficiente para suprir suas necessidades alimentares) passaria para 15,79%. Ou seja: os 49,675 milhões de pobres brasileiros se reduziriam para 26,777 milhões. Mesmo diante da queda expressiva, o resultado final equivaleria quase à soma da população dos estados do Rio de Janeiro e Bahia.

Nas contas de Neri, a pobreza recuaria ainda que o país deixasse de crescer nos próximos quatro anos. A redução da desigualdade, sozinha, diminuiria em oito pontos percentuais a proporção de pobres. Prova de que a causa mais aguda da pobreza brasileira é a má distribuição de renda, que concentra entre os 10% mais ricos renda idêntica à apropriada pela metade mais pobre da população.

— O Brasil tem outra forma muito eficiente para reduzir a pobreza, além do crescimento. Um país como a Índia, por exemplo, tem Gini de 0,29, que indica pouca concentração de renda. Assim, o único instrumento para combater a pobreza é o crescimento da renda — diz Neri.

Diretor-adjunto de Estudos Sociais do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), o economista Ricardo Henriques chega a dizer que os anos 70, quando o Brasil acumulou as mais altas taxas de expansão anual, foram a verdadeira década perdida. Segundo ele, o país desperdiçou a chance de distribuir a riqueza gerada no período para garantir melhores condições de vida à população no futuro.

— Naquele período, o investimento em educação, que daria continuidade ao desenvolvimento do país, foi secundarizado. O Brasil jogou fora sua melhor oportunidade ao optar pelo lento processo de expansão educacional. Por isso considero a década de 70 mais perdida que os anos 80.

Henriques informa que a pobreza brasileira está concentrada na infância e na juventude. Significa que se os esforços não se concentram na inclusão social desses dois segmentos, o quadro de desigualdade será não apenas mantido, mas ampliado nos próximos anos. É hora de mudar.

### QUEDA NO NÚMERO DE POBRES

| Variáveis      | Renda familiar<br><i>per capita</i> | Proporção<br>de pobres | Milhões<br>de pobres |
|----------------|-------------------------------------|------------------------|----------------------|
| Situação atual | R\$ 261,54                          | 29,30%                 | 49,675               |
| Hipótese 1*    | R\$ 318,21                          | 24,08%                 | 40,828               |
| Hipótese 2**   | R\$ 261,54                          | 21,01%                 | 35,624               |
| Hipótese 3***  | R\$ 318,21                          | 15,79%                 | 26,777               |

FONTE: PNAD/99 e Censo 2000, do IBGE, com elaboração do Centro de Políticas Sociais da FGV.

\*Crescimento anual da renda *per capita* de 4% ao ano por cinco anos - \*\*Redução da desigualdade em 10%, sem crescimento do PIB - \*\*\*Combinação de crescimento da renda com redução da desigualdade.